

LADI
apresenta

16



de **28** de novembro a **02** de dezembro de 2012 - **19h e 21h**
Anfiteatro 09 - ICC Sul | Universidade de Brasília

INFORMAÇÕES: (61) 8119.9443 / 9214.4861 - www.ladiunb.com.br

ENTRADA FRANCA

Realização

LADI
universidade de Brasília



Parceria



Este projeto conta com o apoio do



APRESENTAÇÃO

A montagem do espetáculo dramático-musical *David* apresenta um esforço coletivo de aproximadamente 80 profissionais envolvidos no palco e fora dele. Desde o conceito até sua forma atual para o público, doze meses foram aplicados na composição e arranjo das músicas, nos ensaios com os intérpretes, na contínua reelaboração do roteiro, nas opções de encenação e na divulgação.

O trabalho se efetivou em várias frentes: a pré-produção, com a discussão de um roteiro prévio, primeiras canções e playbacks; os ensaios com o elenco, formado por atores e cantores, com o centro em um coro cênico; ensaios e arranjos das canções para uma *big band* e um segundo coro fixo; discussão e materialização da visualidade do espetáculo; integração de todas as atividades na produção e divulgação do espetáculo.

Ao mesmo tempo, a duração do processo criativo também possibilitou um espaço de formação e discussão de procedimentos de dramaturgia musical para os profissionais envolvidos. Pois, como se tratou de uma obra que em grande parte foi sendo elaborada e revista durante o processo criativo, houve a possibilidade de se observar e experimentar diversos aspectos envolvidos no encontro entre teatro e música.

O rei David, ponto de partida deste espetáculo, é uma figura singular. Seu heroísmo e suas contradições foram narrados pelo texto bíblico, que serviu de base para esculturas, romances, obras musicais, para autores como Michelangelo, Donatello, William Faulkner, Handel, entre tantos.

Diante dessa longa tradição, como fazer algo diferente, vibrante, instigante? Qual David para os dias de hoje?

Para tanto, no lugar de seguir a disposição dos eventos da narrativa bíblica, a opção deste espetáculo foi a

de, a partir das pesquisas do arqueólogo Israel Finkelstein e do historiador Eric Hobsbawm , focar na desconstrução do heroísmo, ou melhor, nos passos de como o povo cria e nega seus heróis. Assim, David, Robin Hood, Lampião ou Nem da Rocinha, todos são versões ou variações de uma mesma narrativa: um grupo de pessoas apoia os atos transgressivos e violentos de um líder carismático. Eis o nosso mote.

Elaborar, interpretar, encenar e produzir obras dessa magnitude tem sido uma das constantes do Laboratório de Dramaturgia(LADI) da Universidade de Brasília(UnB). Em ordem, o trabalho de pesquisa e de encenação de obras dramático-musicais do LADI gerou os seguintes produtos: *Bodas de Fígaro*, de Mozart (Teatro Ulysses Guimarães, Brasília, 2004); *Carmen*, de Bizet (Teatro Nacional de Brasília, 2005); *O telefone*, de Menotti (Teatro Nacional de Brasília, 2005); *Cavalleria Rusticana*(CCBB-Brasília e Teatro Nacional de Brasília,2006) *O empresário*, de Mozart (Teatro Nacional de Brasília, 2006), todas estas em parceria com o Ópera Estúdio, do Departamento de Música da UnB.

A partir de 2006, o LADI não mais se orienta por reencenações de obras do repertório e sim efetiva produções próprias como *Saul. Drama Musical* (Teatro Nacional de Brasília, 2006), de Marcus Mota, com arranjos e orquestração de Guilherme Giroto; *Caliban* (Teatro do Departamento de Artes Cênicas, Universidade de Brasília, 2007), de Marcus Mota, com arranjos e orquestração de Ricardo Nakamura; e *No Muro. Ópera Hip-Hop*(Funarte-Sala Plínio Marcos, 2009/ Teatro da Caixa,2010), de Marcus Mota e Plínio Perru, com direção de Hugo Rodas, obra premiada pelo Edital Eletrobrás de 2008 e Prêmio Nacional de Expressões Afro-Brasileiras, de 2010.

Agora, com os recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal (FAC), trazemos à cena, nestes 50 anos de UnB, *David* - sons e visões de nossa miséria, das desgraças do populismo, das revoluções de heróis falhados, o encontro

entre culturas separadas no tempo, mas aproximadas em suas estratégias de fabricação da realidade.

Bom espetáculo.

Brasília, 28 de novembro de 2012

Marcus Mota

Coordenador do LADI

GUIA DO ESPETÁCULO

1- Abertura Instrumental/projeções. Salmo de David.

2- Entrada do coro. Canção de abertura. Cortejo fúnebre. Na beira de uma estrada qualquer.

Deixa meu povo passar, deixa meu canto subir/quem te ensinou as verdades da vida/pode te destruir.

Sempre foi um homem forte/na luta sem temor, pobre em vida, pobre morte/merece o nosso louvor.

Deixa meu povo passar, deixa meu canto subir/quem te ensinou as verdades da vida/pode te destruir.

Sempre foi um homem nobre, fiel até o fim/todos querem a sua sorte viver, morrer enfim.

Vem de longe o seu cansaço/ver a dor que arrasa os seus\injustiças que ferem tanto, tanto ódio na terra sem Deus.

É preciso um homem justo, é preciso um homem feroz/pois a mágoa que cala fundo/não tem trégua, habita em nós

Deixa meu povo passar, deixa meu canto subir/quem te ensinou as verdades da vida/pode te destruir.

3- Entrada do Sacerdote. Canto com o coro. David retorna à vida. Depois, disputa com o Sacerdote.

Da terra ao céu há uma longa escada/forjada há tempos pela igreja. Para subir é preciso asas que são vendidas lá na igreja.

Oh Glória, oh almas, oh Vinde ao senhor. Oh Glória, oh almas, cantemos com louvor.

O homem bom deve amar a igreja, o homem justo, de alma pura trabalha tanto e reza muito/seguindo as ordens que vêm da igreja.

Oh Glória, oh almas, oh Vinde ao senhor./Oh Glória,
oh almas ,cantemos com louvor.

E quando a morte vier, tristeza, o homem bom vai
dormir tranquilo
pois tem um anjo e duas asinhas que ele comprou com sua fé
na igreja.

Oh Glória, oh almas, oh Vinde ao senhor. Oh Glória,
oh almas, cantemos com louvor.

4- Recrutamento dos homens de David. Formação
do bando.

5- Celebração dos feitos de David e seus homens.

Eu quero louvar as coragens de'um homem
que trouxe a alegria de volta pra nós.
Não sei se consigo, preciso mais voz
pois fiquem comigo, não me abandonem,
que antes de tudo vivia com fome
agora, minha gente, não falta mais pão
comemos, bebemos por toda a região
ferida que sangra não dói nessa pele
nem temos vergonha que o mal se revele
e tudo por causa do rei capitão.

Verdade, verdade me deixem mostrar
que ontem de noite eu mesmo vivi
cercamos a vila que fica ali
atrás da montanha, mas longe do mar.
De noite atacamos, o medo no ar,
pra nossa surpresa de armas na mão
lutavam crianças, os mortos no chão,
os pais já carniça de lutas passadas
já mortos bem mortos por nossas espadas
e tudo por causa do rei capitão.

Pior foi lutar contra velhos cansados
os velhos trazendo seus bolsos vazios
o cheiro de urina dos velhos aos gritos
pedindo a morte, pedindo um abraço.
Queriam dançar uma dança sem passos
os olhos tão fundos, sem dor e ilusão,
os ossos curvados, a vida no chão,
pulavam, xingavam, queriam morder,
os velhos, sem dentes, sem nada a perder,
E tudo por causa do rei capitão.

As cabras, crianças, os mortos parentes
é coisa pequena diante do fato
um dia chegamos às margens de um lago
as águas tão vivas brilhavam tão quentes
mulheres boiavam azul reluzente
mulheres nas águas azuis sem paixão
os olhos vazios, sacrifício obscuro
mulheres fugindo, o medo do estupro,
e tudo por causa do rei capitão.

Chegamos enfim ,ao extremo da luta
ninguém mais nos causa temor ou cansaço
pois somos mais fortes, mais duros que o aço
que corta gargantas, dos fracos abusa,
por isso trazemos as mãos sempre sujas
o sangue dos outros é nossas canção
a morte alheia a agitar coração
em cada miséria que vemos em chamadas
ressoa a alegria da voz que comanda
verdade mentira o rei capitão

6- Encontro com o fazendeiro rico

7- Canção da mulher de Tecoa

Me ouça por favor, estou a suplicar
Ninguém, ninguém escuta a mulher.
Ninguém, ninguém, ajude por favor.

Dois filhos, minha via, lutaram entre si,
E o sangue derramando, trouxeram nosso fim.
pois meus parentes querem matar o que matou
meu único menino, o filho que restou.

Meu rei é como um anjo, e vai me ajudar.
Meu rei que tudo sabe, a morte vai matar.
Meu rei, ninguém ajuda uma mulher.
A água derramada não volta nunca mais.
Não volta nunca mais.
Ninguém, Ninguém.

8- Pesadelo de David. David urge os homens para atacar o palácio do Rei.

9- Encontro com o Rei

10- Canção da mulher do servo de David

Na primavera o rei entrou em seu jardim e não lutou
da guerra se esqueceu pois encontrou ali
sozinha a se banhar linda mulher
mulher de um servo seu.

Linda mulher a se banhar
as águas brilham no teu olhar
Em tuas mãos começa a dança
o mundo gira, vamos então nos banhar.

11- Expurgos. David julga seus homens.

12- O rei julga e condena David à morte.

13- Monólogo final de David

14 - Canção final

Os homens reunidos se perguntam
quem foi que colocamos no poder.

Não me vem com essa, mas pra que agora,
todos nos respeitam, confusão tem hora.
Se ele não tem freios, e o sangue adora
a loucura é nossa, confusão tem hora.

Olha bem pro que te digo que o negócio é complicado
quantas vezes todo dia temos que ralar dobrado
Você vem de cantoria, alegria de fachada,
mas a gente continua na poeira da estrada,
como cães mordendo o rabo que balança com suas
chagas,
para um louco que nos trouxe pra morar nessas
barracas.

Os homens reunidos se perguntam
quem foi que colocamos no poder

Não me vem com essa, fecha essa viola
lembra do passado, ergue as mãos e chora.
Quem te dava pedras, hoje é nossa esmola.
Se não tem coragem, então vá se embora.

C-

O difícil nessa luta é saber do inimigo,

pois um dia a gente mata mesmo quem cresceu contigo.

Não há plano, não há meta simplesmente a gente caça.

Somos cães selvagens, loucos, guiados pela desgraça,

que tem nome, cheiro e cor: doença, apenas doença,
o desejo sem desejo, não se farta a indiferença.

Os homens reunidos se perguntam,
quem foi que colocamos no poder

Não me vem com essa falação carola,
quero ver na batalha,
tua mão corajosa
não nos resta tempo
pra voltar pra roça
não impeça o vento
de ferir as rosas.

Eu não sei qual a razão de tanto sangue e tanta guerra:

quem é forte pra matar é mais capaz de arar a terra,
ver os frutos de suas mãos a se espalhar pelas
campinas,

no lugar de não saber de quantos mais tirou a vida.
Somos mesmo uma praga infestando a região,
isso tudo tem a causa em nosso rei e capitão.

FICHA TÉCNICA

Roteiro e canções originais: Marcus Mota

Direção e encenação: Hugo Rodas

Orquestrador: Marcelo Dalla

Elenco:

Denis Camargo

Samuel Cerkvenik

Hugo Veiga

Caio Lins

Diego Borges

João Gabriel Lima

Aida Kellen

Alexandre Fortunato

Ana Paula Monteiro

Anahi Nogueira

Ayla Gresta

Carol Voigt

Fernanda Jacob

Fernanda Suyanne

Iano Fázio

Isabella Pina

Juan Willians

Júlia do Vale

Paulo Ohana

Pedro Silveira

Regente: Ademir Júnior

Orquestra: Brasília Big Band

Adilson Barbosa

Carlos Moreno

Daniel Castro

Dennes Oliveira

Ednilson Marcelino

Luiza Pereira

Ellyas Lucas

Walesca Cruz

Florismeu Oliveira

Jonas Cirqueira

Paulo Castro

Mesaque Balbino

Adriana Oliveira

Kathiene Costa

Adriana Apolonio

Maria de Castro

Sara Espirito Santo

Luciana Carvalho

Filipe Silva

Heberth Moura

Cláudio Cordeiro

Paula Oliveira

Laudiceia Santos

Williman Monteiro

Pryscilla Tenório

Pedro Junior

Aline Carvalho
Samuel Silva
Tiago Poty
Wanderson Nascimento
Westonny Rodrigues
Kirla Pignaton

Robson Ferreira
Suely Daniel
Priscila Petruco
Luzia Silva
Josiane Araújo
Manuela Minchio

Coro: Laugi e Convidados

Ana Barreto
Giselle Rhaylla
Carina Calheiros
Jairo Faria
Lucca L'Abbate
Litieh Pacelle

Maria Barrillari
Livia Dias
Guilherme Bezerra
Ricardo Calixto
Paulo Santos
Maria Schramm

Teatro de Bonecos: Grupo Pirilampo

Iluminação: Higor Filipe

Equipe de Montagem de Luz: Giovani e Tiago Medeiros

Projeção Multimídia: Alexandre Rangel

Sonoplastia: Glauco Maciel

Assistente de Sonoplastia: Cassio Gilvan

Equipe de Figurino e Cenografia: Roustang Carrilho, Cleber Lopes e Rafael Tursi

Equipe de Adereço e Maquiagem: Cleber Lopes, Tiago Medeiros e Ramayana Régis

Equipe de Contrarregra e Stand: Pamela Alves, Rafael Santos e Ramayana Régis

Webmaster: Vinícius Paixão

Fotografia: Clara Braga

Vídeo: Bruno Zakarewicz

Arte Gráfica: Danilo Borges

Diagramação: Rafael Tursi

Assessoria de Imprensa: Melissa Luz

Ensaísta: Angélica Beatriz

Assistente de Produção: Júlia do Vale

Coordenação de Produção: Rafael Tursi

Assistente de Direção de Projeto: Gisele Pires

Direção de Projeto e Coordenação Geral: Marcus Mota

Realização:

Laboratório de Dramaturgia e Imaginação Dramática - LADI

Depto de Artes Cênicas - CEN

Instituto de Artes - IdA

Universidade de Brasília – UnB

COMENTÁRIOS

Marcus Mota

O espetáculo *David* é a segunda parte de uma trilogia iniciada por *Saul*, apresentada em 2006 na Sala Martins Pena. A elaboração de *Saul* foi precedida de larga pesquisa sobre as narrativas bíblicas, a qual pode ser acessada no site www.marcusmota.com.br. O *Guia de Saul* explicitava para o leitor as opções de se trabalhar um anti-herói, com um verdadeiro anti-modelo, mas que, segundo a bibliografia especializada, consistia no único material trágico da bíblia. Assim, *Saul* foi elaborado a partir de um material semita mas dentro de uma estrutura de tragédia grega: havia a alternância entre falas e canções, tudo culminando na agonia e morte do primeiro rei de Israel.

As controvérsias locais em torno de se usar um material bíblico como ponto de partida para um espetáculo cênico-musical no lugar de inibir uma iniciativa desse tipo, acabaram é por impulsionar a proposição de uma trilogia. A miopia que havia entre parte da recepção residia no fato de que, de um lado, haveria um protocolo de interpretação, uma imposição de como o texto deveria ser interpretado, e de outro, um questionamento sobre a possibilidade deste texto servir para algum empenho artístico. Ou seja, entre religião e arte, preferi ficar com todas ou nenhuma delas.

O exame do texto, amparado por bibliografia atualizada, me levou a considerar tanto a beleza quanto a complexidade do material. Havia muita poesia, uma poesia existencial em *Saul*, alguém rejeitado pelas autoridades e pelo povo da época. Ainda, quando mais estudava *Saul*, mais a narrativa de *David* ficava claro: mas todo esse empenho dele, ou de seu narrador, em se distinguir de *Saul*, fazia com que *David* se tornasse cada vez mais um novo *Saul*.

Essa hipótese era provocativa. Afinal, David é objeto de culto tanto do judaísmo como do cristianismo. Entre o texto e o processo bimilenar de interpretação e mitificação, haveria a possibilidade para leituras que não reproduzissem pressupostos fechados, que não se restringissem a parafrasear o já dito?

Foi nesse momento que me encontrei com a obra de Israel Finkelstein e, dele, com a de Eric Hobsbawm.

O ciclo narrativo em torno da figura de David tem estimulado artistas, pensadores e teóricos a buscar entender o porquê de seu fascínio. Robert Alter, em *The Art of Biblical Narrative* (Basic Books, 1981) mostra que, pela variedade de técnicas e personagens, o ciclo se aproxima da obra de Shakespeare, na correlação entre história e ficção, criando uma modalidade escritural que não se detém em um e outro aspecto da construção da realidade.

Recente criticismo tem procurado desconstruir a narrativa, de forma a esclarecer melhor a produção do mito de David, de David como mito. Em *David and Salomon. In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition* (Free Press, 2006) Israel Finkelstein e Neil Asher Silberman relêm o ciclo de David a partir dos dados da arqueologia. Os dois autores já haviam lançado os fundamentos de sua provocativa abordagem no livro *The Bible Unearthed: Archeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts* (2001). Este último livro saiu no Brasil com o título *A bíblia não tinha razão* e sem subtítulo. Trata-se de um jogo mercadológico com o título de outro livro, o clássico de Werner Keller – *E a bíblia tinha razão*, que romanceava informações arqueológicas do século XIX e começo do século XX para mostrar como o texto bíblico era comprovado pelas escavações arqueológicas. O livro de Keller confortou durante anos fiéis ávidos em fundamentar cientificamente sua fé nas escrituras, diante de tantos dados

vindos da história, da lingüística e da arqueologia, que pareciam contradizer inteiras seções da bíblia. Nos EUA, o livro de Keller foi traduzido como *The Bible as History*, um fundamentalismo religioso bem acentuado. Já na França, *Bible Arrachée aux sables*, *A Bíblia arrancada, tirada com força da areia*. O original alemão de Keller intitula-se *Und die Bibel hat doch Recht. Forscher beweisen die Wahrheit der Bibel*, *E então a Bíblia tinha razão. Pesquisadores comprovam (documentam) a Verdade da Bíblia*.

A busca de relacionar a era de Keller com os novos tempos na arqueologia só produz contrastes evidentes. A demanda arqueológica não é mais discípula do pietismo religioso. *The Bible Unearthed* é *A Bíblia sem fundamento, desterrada*, sem o chão - o abismo entre o texto e arqueologia. Os dados arqueológicos não confirmam a idealização teológica.

No caso de David (e de Salomão) o estabelecimento de um amplo e poderoso reino segundo a narrativa em Samuel choca-se com os dados físicos que evidenciam a ausência de 1- povoação assentada em centros urbanos; 2- um grande centro administrativo; 3- uma economia forte; 4- queda, dominação e/ou aniquilação dos filisteus e outros 'povos inimigos' na região. Na data que se toma como base para a cronologia dos eventos dinásticos, século X a.C., só havia aldeias dispersas.

Mas qual contexto então para narrativa? Os autores de *The Bible Unearthed* não recaem na ideologia do minimalismo, que toma o ciclo davídico como apenas uma elaboração sacerdotal pós-exílio, com o intuito de unificar ideologicamente um povo disperso pelo cativoiro. Há detalhes demais no texto bíblico, referências que apontam para formas sociais e culturais bem específicos de povos da região. Um comparativismo ilustrado e uma leitura atenta do texto promovem um novo diálogo entre arqueologia e narrativa. As estimulantes descobertas desse empreendimento intelectual

possibilitam, mais que esclarecimentos e bálsamos para a fé, um renovado impulso para o contato com a complexidade de uma das maiores histórias já contadas.

O ponto de partida de *David and Salomon* não é original. O ciclo narrativo da Casa de David seria o resultado de anos de reescritura, de edição, primeiro de tradições orais, depois de tradições sacerdotais - reais. A constituição dessa narrativa, suas mudanças de foco, é contemporânea das alterações na identidade mesma de sua comunidade narrativa. Ou seja, a reelaboração do material tradicional a cada momento reprojeta a imagem que se procura estabelecer para o grupo. Ao mesmo tempo, essa reprojeção altera o passado, acumulando, sobre o material existente, aspectos agora solicitados. Assim, temos um movimento para frente e para trás: a herança é redefinida, episódios, personagens e eventos são suprimidos, ampliados ou reduzidos, formando-se uma complexa estratigrafia, com camadas pertencentes a várias épocas e redações.

O livro *David and Salomon* organiza-se em capítulos que mostram as etapas dessa complexa estatigrafia. Cada capítulo reconstrói as intrincadas relações entre os estágios do desenvolvimento do material textual, o contexto histórico e os achados arqueológicos de cada etapa.

Dessa maneira didática e esclarecedora, o acúmulo de dados e informações contraditórias, incompletas e aparentemente redundantes vai encontrando sua lógica. O trabalho dos autores lembra em muito a hipótese das idades de elaboração da épica homérica, realizado por G. Nagy. Tanto a redação da bíblia, como a dos textos homéricos, passam por essa sucessiva atividade editorial. Aquilo que parece contraditório ou equivocado, na verdade diz respeito ao modo de transmissão textual. A busca por uma coerência desconectada dos fatos dessa transmissão tem produzido as mais variadas crenças e discussões. Mas, antes de tudo, a

coerência está na específica modalidade de elaboração das textualidades.

Um dos núcleos do ciclo narrativo de David não é o de sua realeza. Leitores de todas as épocas identificaram perturbadores aspectos da personagem. Há uma série de mortes que ronda a ascensão de David e o estabelecimento de sua casa real. Um a um todos os oponentes ao futuro rei vão morrendo. E, mesmo com ele no poder, as mortes continuam. Um trono manchado de sangue é o que podemos ver em David. A lista é enorme – Golias, Saul, Jônatas, Nabal, Abner. Mesmo que não mortos diretamente pelas mãos de David, David é o maior beneficiário com essas eliminações de dificuldades. Parte desse estranho aspecto da personagem de David pode ser compreendido quando associado ao tipo de literatura chamada ‘contos de bandido’, muito comum na Mesopotâmia e em narrativas egípcias. Com perfil de fora da lei, integrando e liderando um grupo móvel, David ajusta-se bem à sociedade baseada em ambientes rurais cujos chefes lutavam volta e meia contra o assalto de agentes nômades, sedentários. As cartas de Amarna apresentam troca de correspondência entre faraós e seus vassalos na Ásia e em cidade cananitas, nas quais relata-se a instabilidade provocada por jovens camponeses sem terra, alguns ex-soldados. (Note-se a presença, no argumento dos autores, do riquíssimo estudo de Eric Hobsbawm *Bandidos*.) Há um paralelo entre as atividades de David e as características desses líderes de grupos. Estes são carismáticos, justiceiros, fazem suas próprias regras, e estabelecem vínculos e chantagens com chefes e com a população. Os bandidos agem em áreas periféricas, muitas vezes remotas, valendo-se das condições naturais, das vias e lugares de difícil acesso que são a moradia deles. Mercenários, eles transitam entre a crueldade sanguinária e a adulação.

Fatos da carreira anterior à corte evidenciam como David se enquadra nesse tipo social. Após Saul expulsá-lo do

reino, David forma um bando, um exército armado rápido, operacional e mortal, que assola e consola povoados não alcançáveis por uma administração central, como na derrota que impetra aos filisteus, ao proteger a cidade de Queila. Ainda, depois de vitória contra os amalequitas, David distribui presentes da vitória, estratégia básica de promoção e validação dos atos de seu grupo. Herói local, David pratica extorsão, como no caso com Nabal, uma de suas ‘providenciais’ vítimas – Nabal, um homem muito rico, vivendo no deserto, após recusar dar comida para os homens de David, morre misteriosamente. David fica com a viúva, mais uma mulher para sua coleção, que está sendo iniciada. Em seguida, David faz acordo com os filisteus, os grandes inimigos do povo ao qual etnicamente David pertencia. Assim, pulando fronteiras morais e éticas em prol de sua sobrevivência, David avança, de bandido a rei, unificando atos e valores considerados incongruentes. No balanço final de sua vida, em Samuel 21 e 23, temos a lista dos homens de David, os famosos e violentos membros de seu bando. Em meio ao caos, David institui sua dinastia que reúne inconciliáveis aspectos político-sociais.

As canções e histórias desse núcleo do ciclo de David tiveram de encontrar a sua refiguração. Afinal, como sustentar o ideal de nação em bases tão anárquicas? Um deslocamento, um contrabalanço precisaria ser feito. Eis a figura de Saul.

(Marcus Mota é professor do Departamento de Artes Cênicas e da Pós-Graduação em Arte da UnB e Coordenador do LADI- Laboratório de Dramaturgia e Imaginação Dramática)

Hugo Rodas

O grupo de pesquisa Mousiké, assim como o LADI, Laboratório de Dramaturgia do Departamento de Artes Cênicas da UnB, tem me permitido dar continuidade a um trabalho técnico e experimental que dificilmente conseguiria desenvolver fora deste espaço.

Duas experiências fundamentais: *David* e *Ensaio Geral*. A última me permitiu permanecer por dois anos com pessoas comprometidas simplesmente com o fato de trabalhar, ser o retorno de um resultado cênico, o que nos permitiu a experimentação de diversas técnicas que melhorassem e completassem nossa performance- trabalho que se reflete absolutamente em *David*, apesar deste partir de uma proposta diferente. No caso, *Davi* parte de um texto, partituras musicais, coro, orquestra, etc.

O espetáculo *David* provocou em todos nós a necessidade de nos sentirmos 'um', e trabalharmos para atingir essa unidade, o que é difícil, mas como todas as coisas difíceis, altamente atrativo. A cada dia uma nova proposta surgia do trabalho, até o ponto de transformar tudo- palácios em barracos, árias em raps, reis em traficantes, atores em cantores e vice-versa, e eu e o Marcus cruzando todas as fronteiras...

Maravilha saber que em nosso caminho essa possibilidade é uma fonte de conhecimento e não de auto-afirmação. Acho este o ponto forte deste trabalho.

Obrigado a todos.

(Hugo Rodas é ator, diretor, coreógrafo, dramaturgo, músico e pesquisador associado do Programa de Pós-Graduação em Arte da UnB)

A linha marcante do processo criativo do musical David é sem dúvida a ludicidade. Mas não a ludicidade despretensiosa. O espetáculo é denso em textos e músicas e transita do humor sarcástico repleto de metáforas, ao drama. Denso, mas não pesado, e sim lúdico.

Durante todo o trabalho de criação dos arranjos e dos temas instrumentais, tive a liberdade de deixar fluir e de desenvolver ideias musicais que surgiam naturalmente, bastando que o Marcus passasse suas intenções na construção do texto e do que o Hugo queria que acontecesse cenicamente. Trabalhar com Marcus Mota e Hugo Rodas é antes de mais nada um imenso prazer e tudo flui de uma maneira suave e lúdica, mesmo que haja dramaticidade.

A busca das formas musicais e das texturas sonoras adequadas a cada cena, a criação das melodias das canções e dos arranjos, tudo isto foi marcado pela sintonia do nosso trabalho. A troca de ideias instigante e complementar trouxe a música do espetáculo David. Como compositor, produtor e arranjador, o trabalho neste musical me proporcionou uma extrema realização criativa. A presença do Ademir Junior como nosso regente contribuiu ainda mais. Seu potencial criativo e o conhecimento da orquestra que tem nas mãos concretizam e integram à cena os sons que viemos projetando ao longo do nosso trabalho de concepção.

Enfim, um artesanato musical denso e lúdico. Em muitos momentos, de uma dificuldade deliciosamente superada. Em muitos momentos, de uma simplicidade arduamente alcançada (o simples não é o mais fácil). Mas sempre um artesanato construído em sintonia. Agradeço a Marcus e Hugo pela confiança e pelo privilégio de vivenciar e realizar com eles este projeto.

(Marcello Dalla é Compositor, produtor e arranjador)